

e autênticos a ponto de facilitar a sintonia com o mistério celebrado; a sua nova linguagem e os novos Lecionários colocaram a palavra de Deus mais ao alcance de todos; os esforços, oficiais ou particulares, de adaptação às diferentes culturas e grupos. Isso tudo, aliado a uma maior compreensão teológica e à exegese bíblica resgatando algumas categorias herdadas do AT que nos explicam a Eucaristia como bênção, memorial, páscoa, etc., faz com que o processo de amadurecimento sobre a Eucaristia e sua última coligação com a comunidade seja uma experiência vivida alegremente pela Igreja. Salta aos olhos a preocupação de organizar mais e melhor as comunidades como o lugar teológico em que se manifesta mais claramente o mistério eucarístico de Cristo e o protagonismo do Espírito Santo. Chegou-se a um equilíbrio mais claro entre os diversos aspectos do mistério eucarístico: celebração e culto, Palavra e Sacramento, presidente e comunidade, presença e comunhão. Vemos com maior profundidade a intenção da presença real do Senhor ressuscitado no sacramento, assim como de seu acontecimento pascal na cruz. Através de numerosos acordos ecumênicos destes últimos anos, estamos chegando a uma certa convergência positiva sobre este sacramento central de todos os cristãos.

Não há quem não se entusiasme vivendo estas novas realidades que a vida pessoal, comunitária, a teologia e pastoral e, sobretudo, a própria decisão de Jesus Cristo em estar no meio de nós, abrem para nós que temos fé e para todos os que buscam com sinceridade a Deus.

Assim, com valores claramente conquistados, e com interrogações muito vivas, a comunidade eclesial continua celebrando seu sacramento central, ciente de seu lugar e função no mistério eucarístico, com a maior vontade de ser fiel ao mandato de Cristo.

O nosso Ano Jubilar 2000 é um tempo em que, à luz da Trindade Santa e da força divina do sacramento da Eucaristia, as comunidades, todas elas, sem exceção, deverão se abrir para o mistério da Eucaristia para que a renovação da teologia e da pastoral eucarísticas prossigam a fim de que Jesus Cristo seja melhor manifestado e testemunhado, por palavras e ações, aos homens de cada tempo e de cada lugar.

Mons. Sérgio Conrado é Doutor em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma e Coordenador do Departamento de Pós-graduação em Teologia Pastoral na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

EUCARISTIA: UMA COMENSALIDADE CONFLITIVA

Pe. Dr. César Teixeira

1 – INTRODUÇÃO

Esta reflexão tem o objetivo de sublinhar alguns aspectos da comensalidade conflitiva que, no Evangelho de Marcos, culmina na Instituição da Eucaristia. Estudiosos afirmam que a cena da última ceia é o desfecho final das conflitivas histórias de refeições que vêm sendo desenvolvidas desde os primeiros capítulos do Evangelho de Marcos. A cena da última ceia completa o drama destas histórias, e o conflito que se constrói ao redor delas é interpretado na última ceia. O interesse por estas histórias é o de sublinhar a prática de Jesus e seus discípulos nos contextos que envolvem comida/conflito. Com isto, Marcos enfrenta o verdadeiro significado do comer com Jesus (a Eucaristia), base de conflito em sua comunidade, mas ao mesmo tempo esclarecedor da

necessidade de comer do “pão partido” e do beber “o cálice amargo”¹.

2 – A MESA DE REFEIÇÃO NA ARENA DOS CONFLITOS

Seguindo a seqüência das histórias de refeições no Evangelho de Marcos; faz-se necessário percorrer esse caminho na tentativa de adentrar no mundo de Jesus frente aos conflitos de seu tempo. Levar-se-á em conta, nesta seqüência, não tanto o controle metodológico, mas sobretudo algumas chaves de leitura como as de “ações” que implicam na determinação dos atuantes, as de “situação”, enquanto ação situada no tempo e no espaço e as chaves de “cultura”, compreendendo os símbolos, a sociedade e as normas; tudo isto ajuda a clarear os sentidos que estão conotados e em constante migração².

¹ Cf. ROBBINS, V. K. “Last Meal: Preparation, Betrayal, and Absence [Mark 14:12-25]” in W. H. KELBER (editor). *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, Philadelphia: 1976, p. 34-35.

² Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, hombre en conflicto. El relato de Marcos en América Latina*, (Colección Presencia Teológica 30) Santander: 1986, p. 37. PESCH, R. *Il vangelo di Marco*, vol. 1, (Commentario Teologico del Nuovo Testamento) tradução italiana, Brescia: 1980, p. 83-84: “Le parole chiave ‘pane’, ‘mangiare’ e ‘sziarse’ (6,31.36.37.38.41.42.44.52;7,2.3.5.27.28; 8,1.2.4.5.6.14.16. 17.19.20) costituiscono agganci compositivi e i temi della comprensione e dell’incomprensione, della purezza e dell’impurità sono motivi conduttori di questa parte del libro”.

É importante também destacar os cenários que são próprios das cenas, envolvendo comida/conflito. Neste sentido, D. Rhoads e D. Michie chamam a atenção dos cenários públicos e privados. Segundo eles, alguns cenários criam privacidade para Jesus e seus discípulos. Estes, muitas vezes, se retiram para uma casa (e também em cenas de comida), um barco ou uma montanha. São cenários que apresentam várias funções: além de fornecerem o contexto para o ensinamento privado de Jesus aos seus discípulos, isolam-nos, aumentando, dessa forma, os conflitos entre eles. Assim, o cenário do barco é um exemplo típico. Por meio do isolamento dos conflitos, o narrador conduz o leitor a pensar nos discípulos como existindo com e para Jesus, mesmo quando ambos estão em conflito. Por outro lado, os cenários públicos são reservados aos conflitos entre Jesus e as autoridades, podendo ser visto por outros. A contribuição destes cenários públicos é de sublinhar a atmosfera duvidosa dos conflitos. A sinagoga e o Templo são alvos ameaçados por Jesus porque são centros de poderes que, em conformidade com a Lei, articulam as acusações

e julgam os processos. Em contraste, Jesus, diante desta fortaleza das autoridades, não é totalmente vulnerável, pois nestes cenários públicos as multidões estão presentes e, frequentemente, protegem-No da prisão³.

O comentário a seguir privilegia a sequência dos versículos onde ocorrem o verbo ἐσθίω (comer). Este pode ser entendido, conforme uso no NT, no seu aspecto social, isto é, “comer uma refeição ou ceia”. Concomitante a este uso, o verbo também designa a mais vital necessidade humana em seu significado de comer ou alimentar a si próprio⁴.

2.1 – A Comida dos Pobres

Em Mc 1,6 é a primeira vez que aparece o verbo ἐσθίω (comer) para indicar a comida de João Batista, o qual leva o mesmo tipo de vida dos habitantes do deserto⁵. À margem dos grandes centros urbanos de poder, sua prática é de conversão, isto é, mudança de uma vida injusta e sem perspectiva de salvação do povo. Essa prática, porém, de natureza conflitiva, culmina com a trágica entrega do Batista, em Mc 1,14. Jesus vai assu-

mir até as últimas conseqüências o caráter dessa mesma prática que se volta para a vida dos marginalizados em todos os níveis em que esta vem ameaçada, como a fome, a doença, o pecado, etc⁶.

2.2 – A Comida como Projeto em Defesa do Homem

Em Mc 2,16.26 nota-se que a seqüência 2,14-17 envolve elementos de uma histórica controvérsia, integrando um chamado ao discipulado dentro do contexto de companheiros de mesa como uma manifestação do chamado de Jesus aos pecadores⁷. No v. 16, a comida/conflito é sublinhada pela ma-

neira como Jesus se comporta⁸. Essa atitude de reunir à mesa publicanos e pecadores coloca Jesus no mesmo nível daqueles que não observam as regras de pureza. Logo, torna-se impuro por compartilhar a mesa com eles. Isto provoca uma reação de escândalo nos opositores: membros do poder político, escribas e fariseus⁹, uma vez que a partilha da mesa é um questionamento ao sistema de pureza, um dos fatores preponderantes na vida do povo legitimado por Deus. A atitude de Jesus responde à contradição deste sistema; comprometendo-se com publicanos e pecadores demonstra que a vida não é protegida somente no âmbito da pureza, mas na solidariedade de Deus aos que vivem

⁶ Porém, na opinião de C. Perrot, constata-se que Jesus, proveniente do grupo batista, fez uma primeira mudança com respeito a João Batista. Ele não chama ao deserto como os profetas escatológicos do seu tempo e não impõe regras ascéticas como os fariseus impunham. Todas as práticas que enclausuravam o comportamento religioso no espaço reservado ao mundo dos puros eram por Ele eliminadas, para que a mensagem de salvação se desenvolvesse a todos, sem distinção (Cf. PERROT, C. *Le Repas Du Seigneur*. La Maison-Dieu 123 e 127 (Paris: 1975/1979), p. 107). Veja também GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 78.82 e as notas de número 3 de ambas as páginas.

⁷ Cf. DONAHUE, J. R. *Tax Collectors and Sinners. An Attempt at Identification*. Catholic Biblical Quarterly 33 (Washington: 1971), p. 56.

⁸ Cf. AGUIRRE, R. *La Mesa Compartida. Estudio del NT desde las Ciencias Sociales*, (Colección Presencia Teológica 77) Santander: 1994, p. 62.

⁹ GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 127: “La objeción de los escribas farisaicos, que censuran la inobservancia de las prescripciones de la pureza, es dirigida a los discípulos, pero tiene como destinatário a Jesús”. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 101: “Los opositores de Jesús actúan sólo en el terreno ideológico. Se dirigen a los discípulos, no a Jesús; pretenden desautorizarlo entre ellos”.

³ Cf. RHOADS, D. – MICHIE, D. *Mark as Story. An Introduction to the Narrative of a Gospel*, Philadelphia: 1982, p. 67-68.

⁴ Cf. MINDE, H.-J. VAN DER. “ἐσθίω”, in H. BALZ – G. SCHNEIDER, (Editor) *Exegetical Dictionary of the New Testament* vol. 1, tradução inglesa, Grand Rapids 1991, p. 58.

⁵ Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos*, vol. 1, (Biblioteca de Estudios Bíblicos 55/6) tradução espanhola, Salamanca: 1986, p. 54.

à margem dela¹⁰. No v. 26, a comida vem no contexto da acusação dos fariseus sobre a violação do sábado por Jesus e seus discípulos. A resposta de Jesus revela uma nova interpretação sobre a história de Davi que também comeu os pães da proposição ao entrar na Casa de Deus. Da correspondente violação entre Jesus e Davi e os seus companheiros resulta a liberdade de um possível rompimento com a Lei. O fundamento dessa liberdade está na atitude de Davi e de Jesus que, sendo homens de Deus, estão autorizados ao exercício da liberdade e a doação da mesma aos seus discípulos¹¹. Para Jesus, a absolutização da Lei não é conduta para o homem, senão o próprio Deus “que fez o sábado para o homem”. Entram em jogo “as duas interpretações da finalidade do sábado nas duas redações do Decálogo: a primitiva, que põe o descanso do homem como finalidade (Dt 5,12-15) e a posterior, dizendo que foi feito para o culto de Javé e

para seu descanso (Ex 20,8-11; Lv 23,3). Jesus, portanto, se coloca na linha da primeira interpretação” da Lei, a deuteronomista, permitindo-lhe identificar melhor o projeto de Deus em defesa do homem¹².

2.3 – A Comida dos “Loucos”

Em Mc 3,20, a prática de Jesus e de seus discípulos consiste em “celebrar uma comida” que é interrompida pela grande afluência da multidão. A incompreensão dessa importante renúncia (“não podem”) de Jesus gera conflito da parte de sua família¹³. É um conflito de valores que para Jesus se cumpre na doação imbuída pela renúncia de poder desfrutar do comer o pão merecido, enquanto que, para sua família, isto é loucura. Os opositores sabem da conotação social do termo “louco”, isto é, ser possuído pelo demônio, restaurando, assim, outro conflito com o poder central que quer esvaziar a prática de Jesus¹⁴.

2.4 – A Comida como Sinal de Vida em Completude

Em Mc 5,43, a seqüência 5,21-43, que culmina com a cena da comida, mostra a situação de impureza de Jesus ao entrar em contato com a mulher contaminada por sua enfermidade e com a menina morta, fontes de impurezas. Jesus, “contaminado”, enfrenta problemas: a multidão O oprime (v. 24.31), zombam Dele (v. 40) e seus discípulos agem com ironia (v. 31). Além do mais, Jesus é considerado impuro diante da Lei de pureza, uma vez que a menstruação é fonte de contaminação (Lv 15,19-31), e quem tocar em um cadáver deve ser purificado (Nm 19,11-12). Tudo isto pode resultar na exclusão da presença de Javé¹⁵. Em meio a esta situação de morte social, a meta da prática de Jesus é a vida que no sinal da comida (v. 43) torna-se vida em sua completude¹⁶.

2.5 – A Comida Compartilhada

Os versículos de Mc 6,31.36-37.42.44 compreendem a inteira seqüência de Mc 6,30-44. Contudo, os

vv. 31-33 retomam o mesmo tema de 3,20, onde Jesus e seus discípulos não têm tempo nem para comer, por causa da afluência da multidão. No presente contexto, este mesmo tema dá continuidade à situação da comida. Agora é Jesus quem convida os discípulos ao descanso longe do povo, mas diante da situação deste povo sem rumo (“iam e vinham”), os planos são mudados e, com isto, Jesus e os discípulos não podem descansar e nem comer. Eles deverão repartir com o povo em necessidade este merecido usufruto. Em seguida, é situada antes de tudo a condição de abandono do povo, como um rebanho sem pastor. Um motivo cunhado no AT¹⁷, mas que certamente implica em um juízo contra os pastores, os quais estão mais preocupados com o cumprimento da lei, puro/impuro, do que com a vida do povo faminto; uma responsabilidade descartada. Essa responsabilidade, entretanto, é assumida por Jesus mediante a prática de misericórdia. Os discípulos, porém, apesar de se colocarem a favor do povo, não compreendem. E a incompreensão nasce do

¹⁰ Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 124. Cf. AGUIRRE, R. *La Mesa Compartida*, cit., p. 59. Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 100-101.

¹¹ Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 142-143.

¹² Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 103, nota 30.

¹³ GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 173 e nota 58: “La escena de entrada describe un cuadro turbulento. Jesús – el evangelista vuelve a evitar el nombre en toda la perícopa – retorna con los discípulos a casa – ciertamente la casa conocida en Cafarnaún – para ‘comer pan’ es decir: para celebrar una comida”.

¹⁴ Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 111.

¹⁵ Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 131(e nota 62-63).132.

¹⁶ GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 254: “La orden de Jesús – dirigida a los padres – de que dieran de comer a la niña pone de manifiesto que la muchacha vive verdaderamente y no tan sólo su espíritu”.

¹⁷ GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 297: “Lo mismo hay que afirmar acerca de la reflexión veterotestamentaria sobre el rebaño sin pastor. Está relacionada con la idea del pueblo de Dios, determinante del relato de la multiplicación de los panes, y, por consiguiente, forma parte de ella”.

desafio à fé que eles têm: devem dar de comer ao povo. Antes, porém, faz-se necessário renunciar aos esquemas dominantes de resolver o problema arraigado no “comprar” pela lógica do Reino, isto é, “compartilhar”¹⁸. Esta resolução do problema da fome culmina no saciar e os restos que sobram indicam a grande bênção que Jesus oferece, um símbolo de plenitude escatológica. A comida, é, portanto, motivo de alegria¹⁹.

2.6 – A Comida que os “Impuros” e os “Cachorrinhos” têm Direito

Em Mc 7,2-5.28, os primeiros vv. 2-5 estão situados na seqüência da tradição dos antepassados sobre as prescrições de pureza e apresentam

uma estrutura de disputa. As ações têm como base o conflito, engendrado pelos fariseus e escribas vindos de Jerusalém para “inspecionar”²⁰. Eles, ao perceberem que alguns dos discípulos de Jesus comem (vv. 2.5) com mãos impuras, aumentam o assédio, uma vez que era previsto no rito e no culto o lavar as mãos antes das refeições (Lv 15,11)²¹. Quem assim não procedia (no caso os discípulos e Jesus por implicação), tornava-se agente de impurezas e, conseqüentemente, estava excluído do culto: da relação com Deus, dos sacrifícios, enfim, da “comunidade dos santos”²². Esta e outras prescrições (v. 4) formam o substrato da acusação contra Jesus e seus discípulos, cujo significado põe em discussão a autoridade sobretudo de Jesus, pois não se comportando

segundo as tradições, não podia exercer nenhuma autoridade para ser exemplo de vida e interpretar os planos divinos. Jesus, contudo, desmascara estas posições de cunho ideológico que, apesar de serem respeitadas, estão distantes da vida do povo, tornando-se, por conseguinte, nocivas²³. O emprego das Escrituras (Is 29,13) dá o tom da grande hipocrisia dos “inspetores”, cuja finalidade não é resolver o problema da fome do povo que eles, os pastores, têm abandonado, senão a cega observância dos rituais que se deve guardar para comer²⁴. Por outro lado, a seqüência que abrange o v. 28, isto é, a cura da filha de uma mulher Sirofenícia (7,24-30), situa Jesus em território pagão. O cenário da casa fornece a clandestinidade da prática de Jesus, tendo deixado para trás os conflitos com o poder central. A resposta da mulher: “os cachorrinhos que ficam debaixo da mesa e comem as migalhas que as crianças deixam cair”, contém um “juízo teológico”: a salvação é para todos²⁵. Em chave social, a prática de Jesus, bus-

cando a clandestinidade e a proteção depois dos conflitos com os “inspetores”, penetra no mais profundo dos valores sócio-religiosos. Nessa dimensão, Jesus é como os “Filhos” (v. 27) repelidos que caíram em território pagão semelhante às “migalhas que as crianças deixam cair”, mas não deixa de ser o pão (v. 27) ao qual os cachorrinhos têm direito²⁶.

2.7 – A Comida do Povo Faminto

Em Mc 8,1-2.8, novamente a comida é o fator básico da trama na seqüência 8,1-10, semelhante a 6,30-44. Ao contrário disto, a comida dos quatro mil, é Jesus quem toma a iniciativa de oferecer a doação de alimento à multidão (judeus e pagãos) faminta, da qual Ele tem compaixão por causa desta situação de não ter nada para comer²⁷. Marcos coloca os discípulos sendo chamados, de modo imperativo, a estarem juntos a Jesus, evidenciando, assim, a incompreensão deles que vai ocorrer²⁸. Antes, po-

¹⁸ Por outro lado, o “comprar” e o “compartilhar” não são meras atitudes isoladas, mas revelam modelos sociais diferentes ou, mais especificamente, diferentes “modos de produção”. Uma boa reflexão sobre diversos modos de produção podemos encontrar em: HOUTART, F. *Religião e modos de produção pré-capitalistas*, São Paulo: 1982.

¹⁹ Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 301-305. Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 143-145.

²⁰ Cf. PESCH, R. *Il vangelo di Marco I*, cit., p. 575.

²¹ GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 326: “El lavatorio de las manos fijado por los escribas se realizaba antes y después de la comida; en determinados casos se realizaba incluso durante el banquete. Y se explica porque se adoptó el ritual de la comida de los sacerdotes del templo en los banquetes o comidas profanos. Quien no observaba tales prácticas, se hacía levíticamente impuro. Se fundamentó tales usos recurriendo a Lev 15,11, en un caso especial a Lev 20,7. Hasta qué punto se tomaba en serio todo esto se ve por una narración de Rabí Aqiba, quien prefería no comer nada en la cárcel a renunciar a los lavatorios de las manos”.

²² Cf. PESCH, R. *Il vangelo di Marco I*, cit., p. 575. Cf. SCHWEIZER, E. *Il Vangelo secondo Marco*, tradução italiana, Brescia: 1971, p. 155.

²³ Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 147. Cf. PESCH, R., *Il vangelo di Marco I*, cit., p. 576-578.

²⁴ Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 146.

²⁵ Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 342.

²⁶ GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 152: “Jesús huye a territorio pagano; el movimiento geográfico nos descubre una migración de sentido más profunda, de orden socio-religioso, en su práctica [...]”.

²⁷ Cf. PESCH, R. *Il vangelo di Marco I*, cit., p. 624-625.

²⁸ Cf. SCHWEIZER, E. *Il Vangelo secondo Marco*, cit., p. 166. Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 352.

rém, Jesus os envolve na busca de solução da fome da multidão. Mesmo que a resposta a este chamado não tenha mais o teor sócio-econômico da “compra”, já mencionado antes como lógica dominante, a resposta dos discípulos – “de onde alguém poderá saciar de pães a estes aqui no deserto?” – exprime impossibilidade, o que os torna isentos do compromisso e da prática misericordiosa de Jesus “motivada pela necessidade corporal do povo”²⁹. Jesus não aceita dos discípulos a enfática impossibilidade de conseguir comida, e parte para a investidura do pão, em meio ao invólucro do simbolismo, seja da prática eucarística de Jesus (v. 6), como da “saciedade messiânico-escatológica do povo”³⁰.

2.8 – A Comida Proibida

Em Mc 11,14, a maldição da figueira é o tema da seqüência 12-14 onde se encontra o mencionado versículo. O conteúdo da maldição, “que nunca mais, em eterno, alguém coma os frutos (de ti) desta árvore” (v. 14), implica a negação do comer. O simbolismo da figueira e seus frutos re-

pousa nas raízes no AT. Em Mq 7,1s e Jr 8,13, o desencanto do profeta é baseado no total desaparecimento dos piedosos e justos. Com isso, os homens cometem toda sorte de más ações. Este simbólico motivo dá uma profunda significação à prática de Jesus e sugere semelhante interpretação de seu desencanto³¹. Se na opinião de alguns estudiosos isto é aplicado na oposição de Israel à palavra de Jesus, ou dos seus escribas ou sacerdotes³², para outros, trata-se do protesto ao Templo, uma vez que a pericope está situada na seqüência do mesmo, onde este, por conseguinte, é a figueira estéril cuja incapacidade de dar a vida esconde-se em seu esplendor³³. A ação profético-simbólica de Jesus, entretanto, é um apelo, tanto a Israel como ao Templo, à conversão de fé³⁴.

2.9 – A Comida na Estrutura Eucarística-Mesa-Companheirismo

As cenas de Mc 14,12.14.18.22 estão no contexto da última ceia e situam o evento da ceia pascal que forma a moldura pela qual perpassa a

inteira seqüência de Mc 14,12-25. Por meio da narrativa, Jesus e os Doze são conduzidos e colocados à mesa de refeição, na qual eles se detêm até a saída para o Monte, no v. 26. Nesse intervalo não há mudança de lugar, uma só é a mesa, uma só é a refeição³⁵. No início, Jesus é o Mestre que manda preparar, de modo extraordinário, o banquete pascal para comer com seus discípulos (12-16). Em 17-21, porém, Ele torna-se o amigo e companheiro, formando a comunidade de mesa, comendo até com o traidor. Na cena seguinte, contudo, Ele se doa aos seus por meio de palavras e sinais (22-25)³⁶.

Assim, como foi dito na introdução, se Marcos aqui está interpretando o conflito que se dá em torno das anteriores histórias de refeição, o primeiro dado dessa interpretação é o próprio comer de Jesus com seus discípulos à mesa de refeição pascal, e, por conseguinte, o elemento de conflito vem expresso pela traição de um discípulo. Em nenhum momento, porém, observou-se nos comentários acima que Jesus e seus discípulos

comeram a Páscoa ou que um companheiro de mesa de Jesus o traiu. De fato, o que resta de tudo isso é apenas a mesa de refeição de Jesus com seus discípulos e sua última comida, a comida eucarística. Por outro lado, retomando os argumentos de H. Robbins e reforçado por J. L. White, eles notam que o pão, em sua ação descrita no v. 22: “tomar, abençoar, partir e dar”, retoma a maneira em que Jesus atuava com a distribuição do pão e peixe (em 6,41 e 8,6-7). No fim das histórias de alimentação, torna-se claro que os discípulos não compreendem o significado do pão (em 8,17-21). Com isto, no lugar de explicar o pão para eles, Jesus começou a ensiná-los sobre o sofrimento, morte e ressurreição do Filho do homem (em 8,31). Assim, no contexto anterior das histórias de alimentação e na própria última ceia, Marcos reinterpreta o produto “principal”, pão, como morte de Jesus (corpo)³⁷.

Em Mc v. 18c, o verbo ἐσθίω (comer) entra em sintonia com o contexto dos sinóticos, onde o mesmo situa-se, sobretudo, em duas impor-

²⁹ Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 352.

³⁰ Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 153-154.

³¹ Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 144-145.

³² Cf., por exemplo, SCHWEIZER, E. *Il Vangelo secondo Marco*, cit., p. 243.

³³ Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 202-203.

³⁴ Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos I*, cit., p. 144.

³⁵ Cf. ROBBINS. “Last Meal” cit., p. 29. Ao contrário, K. Hein aponta para duas diferentes refeições (Cf. HEIN, K. *Judas Iscariot: Key to the Last-Supper Narratives?*: *New Testament Studies* 17 [Cambridge: 1971] 227-232).

³⁶ Cf. SCHLIER, H. *Il Mistero Pasquale e la Passione secondo Marco*, tradução italiana, Milano: 1991, p. 80.

³⁷ Cf. ROBBINS. “Last Meal” cit., p. 29-31. Cf. WHITE, J. L. *Beware of Leavened Bread. Markan Imagery in the Last Supper*: *Forum* 3 (1987), p. 55.

tantes referências de previsão: a do traidor de Jesus e a previsão escatológica do comer e beber à mesa no Reino³⁸. No contexto atual, o verbo, além de confirmar o fato de que Jesus cultivou mesa de companheirismo com outros e com seus discípulos³⁹, faz a relação entre Jesus e o traidor, evocando o horror produzido pela idéia de traição quando esta se associa a uma refeição entre amigos⁴⁰.

A original traição de um discípulo e o presente conflito com a comunidade cristã foi uma ação má, porém, ambas foram divinamente queridas conforme alusões ao AT. A primeira está em conexão com a traição por um companheiro de mesa do Sl 41,10 e a segunda no desenlace da entrega

do Filho do homem⁴¹. O Sl 41,10 contém a antiga idéia de que para comer pão com alguém, cria-se um comum comprometimento e aquele que romper estes laços é culpado de um grande crime. “É uma antiga concepção oriental em que as refeições em comum uniam os comensais entre eles na comunidade de mesa. Esta comunidade íntima é uma comunhão religiosa e deste caráter derivam particularmente obrigações: violar a comunhão íntima constitui um delito particularmente abominável, o que caracteriza a profunda dor de Jesus em Mc 14,20⁴²”. Para compreender a frase “quem come de meu pão” é necessário notar essa espécie de aliança de relacionamento que não deveria ser quebrada. Isto não é somente um

verdadeiro exemplo de “homens de paz”, mas aparentemente “homens de vossa aliança” é paralelo com “homens de vossa paz” e com “homens de vosso pão”, muito importante quando uma pessoa vai contra outra sem compreensão⁴³. O traidor é este homem⁴⁴ com o qual Jesus mantém uma intensa relação de bem e de vizinhança, de afeto e de ideais, o comensal da própria mesa. É neste quadro de sofrimento de solidão que o Salmo suscita a esperança de que Deus não abandona, apesar da traição dos amigos⁴⁵.

Por outro lado, o desenlace do Filho do homem na compreensão do ver-

bo παραδίδωμι (entregar) é o ponto alto do anúncio de Jesus e tem sua exata conotação em Mc 14,18 como ação de trair. Esse ato brutal que gera a morte sai da esfera humana para encontrar em Deus nova dimensão, conforme a visão de Marcos nos atos de descrença, onde o mesmo percebe a mão de Deus⁴⁶. O segundo uso de παραδίδωμι (entregar) no v. 21 confirma tal posição. Na forma do passivo teológico, Deus, como causa eficiente, entrega o Filho do homem por intermédio do traidor. Teologicamente, isto resgata o sentido de Isaías cuja entrega, que é para a morte, torna-se libertação, ou seja, a superação do

³⁸ Cf. MINDE, H.-J. VAN DER. “εσθίω”, cit., p. 58-59.

³⁹ BRAUMANN, G. “εσθίω”, in C. BROWN (editor). *The New International Dictionary of New Testament Theology*, vol. II, tradução inglesa, Grand Rapids: 1992, p. 272: “The various traditions about John the Baptist (Mk 2:18; Matt. 11:18; Mk. 1:6) recount that he fasted and lived abstemiously. Despite Matt. 11:19, it is no longer possible to determine whether the historical Jesus in fact differed from the Baptist on this point, even though the gospels recount how Jesus cultivated table fellowship with others as well as with his disciples (Mk. 14:18). This is seen as an expression of fellowship (Lk. 13:26), and in Luke’s theology as an expression of genuine eyewitness testimony (Acts 10:41). He ate with the Pharisees (Lk. 7:36) and with sinners (Mk. 2:16)”.

⁴⁰ Cf. OTTOSSON, M. “lakf”, in G. J. BOTTERWECK – H. RINGGRENN (editor). *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. 1, tradução inglesa. Grand Rapids: 1974, p. 241.

⁴¹ Cf. WHITE, J. L. *Beware of Leavened Bread*, cit., p. 54-55.

⁴² Cf. SACCHI, A. “Cibo”, in P. ROSSANO – G. RAVASI – A. GIRLANDA (editor). *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, Milano: 1989, p. 269. Cf. JEREMIAS, J. *Le Parole dell’Ultima Cena*, (Biblioteca di Cultura Religiosa 23) tradução italiana, Brescia: 1973, p. 289.

⁴³ Cf. FISHER, L. R. *Betrayed by Friends. An Expository Study of Psalm 22: Interpretation 18* (Richmond: 1964) 31-33.

⁴⁴ Para L. R. Fisher, em Mc 14,18, o traidor é referido pela demonstração proverbial do Sl 41,10 com a expressão “aquele que come meu pão tem levantado seu calcanhar contra mim”. Se Jesus usou esta citação, diz o autor, é duvidoso tê-la usado para provar que o Sl 41,10 teria sido cumprido na pessoa do traidor. O evangelista, contudo, usou-a, dentre outros, como um modo idiomático de dizer “traidor” (Cf. FISHER, L. R., *Betrayed by Friends*, cit., p. 34 e 71).

⁴⁵ Cf. RAVASI, G. *Il Libro dei Salmi. Commento e Attualizzazioni*, vol. 1 (1-50), Bologna: 1986, p.752. Cf. FISHER, L. R. *Betrayed by Friends*, cit., p. 27.

⁴⁶ Conforme W. Popkes, Marcos, com grande habilidade, trabalha no quadro da paixão as diversas entregas, organizando-as de tal maneira a não reduzir o uso de παραδίδωμι como um termo técnico para descrever processos e martírios. Sua visão é extraordinária quando demonstra, principalmente, as ações do traidor porque nos próprios atos de desgraça, Marcos percebe a mão de Deus. A dimensão, portanto, situa-se em um duplo nível: histórico e teológico (Cf. BÜCHSEL, F. “παραδίδωμι”, in G. KITTEL – G. FRIEDRICH, (Editor) *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vols. 2, col. 1181, tradução italiana, Brescia: 1990. Cf. POPKES, W. “παραδίδωμι”, in H. BALZ – G. SCHNEIDER (editor). *Exegetical Dictionary of the New Testament*, vol. 3, tradução inglesa, Grand Rapids: 1991, p. 19). Cf. SPICQ, C., *Note di Lessicografia Neotestamentaria II*, Brescia: 1994, p. 298.299. Cf. LÉGASSE, S. *El Proceso de Jesús*, (vol. 1, “La História”) tradução espanhola, Bilbao: 1995, p. 40, nota 20.

pecado da traição. Como pecado, porém, o traidor não é um simples objeto da manipulação de Deus, mas responsável por seus atos⁴⁷. As consequências da traição são julgadas na esfera do plano de Deus. Por meio da tradicional figura Filho do homem (Mc 14,21), Jesus revela que sua missão divina no presente e futuro, embora realizada no sofrimento, não deixou de ser vivida em intimidade com Deus⁴⁸.

Agora, o enigma anterior e a má compreensão dos discípulos nas anteriores histórias de alimentações é clarificada. Em contraste com o pão fermentado, sobre o qual Jesus advertiu os discípulos anteriormente, Ele é o único pão sem fermento, do qual todos eles compartilhavam. O valor nutritivo associado ao pão "fermentado" tem como consequência o desejo humano de dominar e destruir. Esta é a disposição que se encontra exibida

no "fermento" dos fariseus e de Herodes e, por implicação, numa defeituosa má compreensão da presença milagrosa de Jesus evidenciada em certas observações cristãs da ceia do Senhor. Para Marcos, entretanto, o pão partido não invoca a manifestação da presença de Jesus em poderes milagrosos – o "fermento de manipulação humana" – mas, pelo contrário, evoca a morte e ausência de Jesus⁴⁹.

Para os autores acima descritos, o anúncio da traição foi inserido na narrativa da ceia, justamente porque também aí se encontra a reminiscência do antigo drama sobre comida/conflito expresso em Mc 2-8 porque o incidente sugere que "comida fermentada" é uma possibilidade até dentro do círculo de discípulos e dentro da estrutura da Eucaristia-mesa-companheirismo. Ora, acredita-se que os autores não sustentaram o esforço de enfatizar a importância deste fato, isto

é, da comida fermentada como uma possibilidade até mesmo dentro do círculo de discípulos e dentro da estrutura Eucaristia-mesa-companheirismo, a partir das menções do comer no Evangelho de Marcos.

Em primeiro lugar, a traição de um discípulo é a entrega de Jesus aos seus adversários. Neste sentido, a comida/conflito é marcada pela entrega de João Batista, cujo caráter conflitivo dessa prática Jesus assumiu até às últimas consequências e advertiu aos seus discípulos que também Ele seria rejeitado e entregue. Sua ação vai de encontro ao verdadeiro problema da vida, não somente do ponto de vista das condições materiais, mas também em fazer suscitar novas relações sociais baseadas na partilha, independentemente de condições rituais externas. O fato gera um dinamismo de morte porque está em jogo a prioridade pela vida, cuja responsabilidade os adversários de Jesus descartaram, preocupando-se apenas em excluir os "impuros" dos espaços sacros sem reintegrá-los à vida, mas crentes de estarem cumprindo as condições rituais de pureza para comer⁵⁰.

A impossibilidade dos discípulos em admitir que um deles poderia ser

esse traidor, agora tem uma parcela de clarificação. De fato, a prática dos discípulos tinha uma preocupação com o povo: eles ajudavam na saúde, no anúncio do Reino e até mesmo naquilo que se devia "comprar" para comer. Esse esquema, porém, reflete a lógica do poder dominante que resolve a questão crucial, isto é, a vida do povo. A incompreensão dos discípulos, de certa forma nivela-os com os adversários, e o traidor é a prova mais concreta disto: a aliança com o poder central⁵¹.

Em segundo lugar, devemos reconhecer, nas palavras de interpretação sobre o pão, cuja fórmula fundamental está contida na cena da ceia eucarística, em Mc 14,22, que o pão partido e repartido representa Jesus, e que os comensais mantêm, ao comer, a comunhão com Ele. Já nesta idéia se dá uma conexão com as comidas que Jesus celebrou durante sua vida pública com os discípulos, amigos e pecadores⁵².

Em terceiro e último lugar, na perspectiva da palavra sobre a taça se põe claramente em evidência que se trata de uma nova comunhão com Jesus que vai para a morte. Também

⁴⁷ Nos diversos contextos, o verbo, que tem na maioria das vezes como sujeito Deus, varia entre dois extremos, isto é, pode significar 'deliberar': das mãos dos inimigos ou do pecado; como também 'entregar': para a ruína, derrota, aniquilação e morte. Dentro destes limites, παραδίδωμι é altamente significativo quando se trata da aplicação ao Servo de Javé em Is 53: ele é entregue para a morte, cuja intenção é para a deliberação de muitos. Assim, a entrega, que é para a morte, torna-se para a libertação, visto que nesta morte supera-se o pecado de traição do povo e de sua própria rejeição (Cf. BECK, H., "παραδίδωμι", in C. BROWN. (editor). *The New International Dictionary of New Testament Theology*, vol. 2, tradução inglesa, Grand Rapids: 1992, p. 367-368).

⁴⁸ Cf. JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento. A Pregação de Jesus*, (Nova Coleção Bíblica 3) tradução portuguesa, São Paulo: 1980, p. 426.434-435.

⁴⁹ Cf. ROBBINS. "Last Meal" cit., p. 21.29-31.34-36. Cf. WHITE, J. L. *Beware of Leavened Bread*, cit., p. 55-56.

⁵⁰ Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 155-156.

⁵¹ Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, Hombre en Conflicto*, cit., p. 126.225.

⁵² Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos*, vol. 2, (Biblioteca de Estudios Bíblicos 55/6) tradução espanhola, Salamanca: 1986, p. 291.

aqui, a última ceia se conecta com as comidas que Jesus celebrou com os homens, com os discípulos, com os pecadores, durante sua vida pública⁵³.

3 - CONCLUSÃO

O efeito desta análise, por mais chocante que seja, tem a finalidade de criar consciência do verdadeiro sentido do comer com Jesus que implica a participação em seu paradoxal caminho de sofrimento, morte e ressurreição. Isto significa uma tentativa de ler o Evangelho de Marcos na ótica da realidade em que hoje vivem as pessoas sob círculos e sistemas sociais dominados pela prática de conflitos provocados (fome, desemprego, pobreza, etc.), levando-as à frustração e à descrença. Assim sendo, é necessário afrontar o esquema mental das intencionalidades e aprofundar os conflitos que revelam os mecanismos sociais de vida ou de morte. Com o esquema comida/conflito, Marcos avança na realidade própria da vida de Jesus, desvendando o “fermento da manipulação humana” que penetrou até mesmo em seu círculo mais estreito de discípulos. Não obstante esta realidade, renasce, na coerência de vida de Jesus, a esperança em

continuar acreditando nos valores cristãos, como amizade, intimidade, partilha, vida e, sobretudo, a relação com Deus, para que seja confirmada a certeza de que, mesmo em meio aos conflitos, Deus também cumpre a sua vontade.

A mesa de refeição é compreendida como uma prática reveladora da consciência de um povo que a ela se abre, encontrando nesta prática a presença de Deus. Tal presença se efetiva em Jesus que torna os gestos da mesa a síntese do que existe de mais humano e mais divino, sendo elevada à altura do sacramento do Cristo (a Eucaristia). A própria comida, que vai ser o dom máximo de sua entrega, não pode ser encarada como uma luta ingênua e idealista, mas uma luta conflitiva, e Marcos confirma isto na vida de Jesus em termos de luta que culmina na mesa de refeição com os discípulos, porque estão em jogo os valores cristãos que perpassam por todo dinamismo sócio, político, econômico e religioso da sociedade.

Pe. César Teixeira é Doutor em Sagrada Escritura pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, Roma, secretário geral e professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Email: teologia@teologia-assuncao.br.

O VOCÁBULO “EUCARISTIA” NO NOVO TESTAMENTO

Côn. Dr. Celso Pedro da Silva

Falando de “eucaristia” entende-se, num primeiro momento, que estamos falando da santa missa ou da presença real de Jesus no Santíssimo Sacramento. O vocábulo “eucaristia” que significa, primeiramente, “boa graça” ou “agradecimento”, “gradidão”, é usado entre nós com um significado técnico. Mas é este o significado da palavra no Novo Testamento?

Ela aparece 15 vezes: uma vez nos Atos dos Apóstolos; doze vezes nas cartas paulinas e duas vezes no Apocalipse. Nenhuma vez, portanto, nos evangelhos. Por sua vez, o verbo “eucaristéo” - agradecer, dar graças - já é mais usado. São 37 empregos assim distribuídos: 11 nos Evangelhos; 2 nos Atos; 23 nas Cartas paulinas e 1 no Apocalipse. O adjetivo “eucáristos” encontra-se apenas uma vez em Cl 3,15.

O vocábulo “eucaristia”, em que contexto e com que significado é usado no Novo Testamento?

Apenas uma vez, em At 24,3, o vocábulo é empregado em relação a uma pessoa humana. Em todas as demais, refere-se a Deus.

Entre os anos 62 e 60, Antônio Félix foi procurador da Judéia. Vivia em Cesaréia, sede oficial do procurador romano. São Paulo Apóstolo foi

levado à sua presença para julgamento. O sumo sacerdote Ananias, alguns anciãos e o advogado Tertulo representaram contra Paulo. Tertulo é chamado e começa a sua acusação, dizendo: “Gozando de paz profunda por teu intermédio, e tendo-se processado melhorias para este povo por tua providência, tudo isto reconhecemos, ó excelentíssimo Félix, sempre e em toda parte, com toda a eucaristia”(At 24,2.3). É evidente que o advogado não está se referindo aos mistérios cristãos. Nesta captação inicial de benevolência, ele reconhece com gratidão a boa administração de Félix. Aqui, portanto, o substantivo eucaristia expressa um ato de gratidão para com uma pessoa humana. Significa simplesmente gratidão ou agradecimento.

Escrevendo aos coríntios, em 2Cor 4,15, passagem que conhece muitas traduções, o texto grego diz literalmente: “tudo isso por causa de vós, para que a graça excedendo-se por meio de muitos, multiplique a eucaristia (o agradecimento) ação de graças para a glória de Deus (τα γαρ παινια δι υμας ινα η χαρις πλεονασαισα δια των πλειονων την ευχαριστιαν περισσευση εις την δοξαν του θεου).

⁵³ Cf. GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos*, cit., p. 286.